

ISSN 1806-7328

CADERNOS DA ESTEF

Revista Semestral

Nº 45 – 2010/2

A TEIA DA ESPIRITUALIDADE

ESTEF

Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana

Porto Alegre (RS) – Brasil

SUMÁRIO

A teia da espiritualidade.....	3
A vida religiosa na história:os primórdios	
Fr. José Bernardi	5
A espiritualidade beneditina	
Ir. Roberta Peluso, osb	17
Espiritualidade cisterciense	
Pe. Bernardo Maria, cisterciense	23
Um olhar panorâmico na origem da espiritualidade mendicante	
Arno Frelich.....	35
Oblatos de São Francisco de Sales	
Pe. Carlos Martins de Borba, osfs	47
Espiritualidade das irmãs de Santa Catarina	
Ir. Veronice Weber.....	51
Espiritualidade da Congregação das Irmãs Franciscanas	
de Nossa Senhora Aparecida	
Ir. Salete Dal Mago	55
Práxis e doutrina do sensus fidelium no Vaticano II	
Wilson Dallagnol.....	63
Comensalidade eucarística	
Luciano de Souza Santo	87
A primeira apóstola	
Luis Alberto Méndez Gutierrez.....	105
Religiosos leigos: quem somos?	
Vanildo Luiz Zugno, OFMCap.....	115
Irmão leigo: identidade e missão	
Frei Edson Matias, OFMCap	123
Crônicas	
Mudança na direção da estef.....	127

RELIGIOSOS LEIGOS: QUEM SOMOS?

Vanildo Luiz Zugno, OFM Cap
Mestre em Teologia, professor na Estef

Resumo: Depois de assinalar algumas mudanças pelas quais a Vida Religiosa (VR) está passando, o autor se propõe a repensar a identidade dos religiosos leigos a partir do paradigma trinitário onde a relação é o que faz a identidade. No âmbito eclesial, esta reconstrução da identidade exige um novo paradigma eclesiológico capaz de superar uma eclesiologia hierárquica em favor de uma igreja-comunidade-de-iguais. No âmbito social, as relações com os setores populares marginalizados é o espaço onde os irmãos leigos poderão reconstruir sua identidade.

Palavras-chaves: Vida Religiosa; Religiosos leigos; Identidade; **Igreja**; Sociedade.

1 MUDANÇAS QUE EXIGEM A RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

A Vida Religiosa (VR) na América Latina e Caribe, dentro do movimento que resultou na realização do Concílio Vaticano II e, no Continente, a Conferência Episcopal de Medellín e as subsequentes Conferências do Celam, está passando por um profundo, bonito e – por que não dizê-lo? – muitas vezes, sofrido processo de redescobrimento de sua identidade.

Processo que inclui um momento negativo – talvez o mais doloroso – de desconstrução de uma determinada identidade que já não responde às novas realidades vividas na região. E, o que torna a tarefa ainda mais difícil, a necessidade

de, simultaneamente, ensaiar a construção de uma nova compreensão de si mesma. E isso sob a pressão da urgência dos tempos e das situações... Tarefa que, mesmo tendo começado antes do próprio Concílio, ainda está a caminho e que, como todo processo, se não for bem conduzido e levado adiante com o devido vigor, pode correr o risco do retrocesso.

Nesse processo, ao pôr-se a caminhar juntamente com a Igreja que já não se pensa a si mesmo em oposição, mas em diálogo com a sociedade, a VR se dá conta, por um lado, que já não pode seguir vivendo como uma *eclesiola* ou *seita*. Por outro lado, também se dá conta que, dentro do mundo em que lhe cabe viver e dentro da catolicidade da Igreja, tem sua contribuição específica a dar enquanto VR.

Caminhar *em* Igreja permitiu à VR redescobrir, além do específico da VR como um todo, também uma grande diversidade de carismas e a riqueza que cada um deles, em diálogo com os outros, pode aportar ao conjunto da VR e à Igreja.

Por outro lado, ao inserir-se na sociedade e, nela, tomar parte nas lutas por libertação do povo pobre, a VR também redescobriu sua dimensão místico-profética e a necessidade de, para torná-la real e explícita, desfazer-se de estruturas, modos de vida, esquemas mentais, teologias, espiritualidades... que, na realidade concreta do Continente, já não são sinal da presença do Reino de Deus.

As lutas dos afrodescendentes e indígenas desafiam a religiosos e religiosas que trazem no seu corpo – muitas vezes de modo inconsciente ou oculto – as marcas dos 500 anos de uma mesitiagem forçada, a redescobrir-se como afroamericanos/as ou filhos e filhas dos povos originários destas terras e, a partir desta consciência, a pôr-se numa dinâmica de resgate da cultura e dos direitos destes povos e, consequentemente, também seu direito de expressar a própria fé cristã com as formas e os conteúdos que lhe são próprios.

A proximidade com as mulheres do povo e suas lutas fez com que muitas Religiosas – o grupo mais significativo da VR – se ponha a repensar sua própria condição de mulheres e a comprometer-se na superação das estruturas machistas tanto no âmbito da mesma VR, **quanto** da Igreja e na sociedade.

O Concílio Vaticano II, ao repensar o ser da Igreja, chamou também a atenção para a realidade eclesial dos leigos. Reconheceu sua plena condição eclesial a partir da teologia do batismo e sua cidadania eclesial através da participação nos conselhos nos distintos níveis eclesiais e, principalmente, por sua missão no mundo.

Neste contexto de mudanças muito rápidas e profundas em que não sempre houve o tempo, coragem ou força para a devida assimilação, a VR, assim como a Igreja, nos damos conta que, além de seres humanos e cristãos, concretamente, somos homens ou mulheres, negros, negras, brancos, brancas, índios, índias, clérigos, leigos ou leigas... e que temos a necessidade de, nas novas circunstâncias sociais e eclesiais, reconstruir nossas identidades.

No específico da VR, nos damos conta que somos homens e mulheres – e para muitos isso foi uma surpresa e, em alguns casos, até um trauma! – e que, em razão disso, há uma VR feminina e uma VR masculina. E que, entre os religiosos homens, há clérigos e há leigos.

E nos damos conta também de que há religiosos leigos vivendo em Congregações exclusivamente laicais e outros vivendo em Congregações ou Ordens onde também há clérigos... E que estas duas situações concretas, no repensar a identidade dos religiosos leigos, fazem grande diferença.

Em resumo, não há apenas *uma identidade* a reconstruir, mas *múltiplas identidades*, pois, a VR, mesmo sendo

uma, se apresenta sempre e cada vez mais plural e multiforme.

Tentaremos aqui colaborar na tarefa de repensar a identidade dos religiosos leigos. Nossa reflexão se dará a partir de nossa condição pessoal que é a de um irmão leigo vivendo numa Ordem religiosa em que a maioria de seus membros é clérigo. Isso, temos consciência, condicionará nossa reflexão que, sem deixar de ser particular, quer colocar-se em diálogo com outras experiências.

2. O PARADIGMA TRINITÁRIO COMO POSSIBILIDADE DE RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA VR

A identidade de todo cristão e toda cristã tem necessariamente, desde o ponto de vista da fé, como seu eixo articulador, o modo de ser do Deus no qual acredita. Assim sendo, nosso paradigma para pensar a identidade não pode ser diferente do que sustenta a experiência cristã, o Deus-Trindade.

No ser de Deus, cada uma das pessoas que o configuram – Pai, Filho e Espírito – tem sua identidade ao dar-se plenamente aos outros e, no mesmo movimento, reciprocamente, acolher plenamente o ser dos outros. É o que a teologia trinitária costumou chamar de pericorese trinitária¹.

Ou seja, o modo de ser do Deus-Trindade nos ensina que a identidade

¹ Cf. BOFF, Leonardo, *A Trindade, a sociedade e a Liberação*. Petrópolis: Vozes, 1986, pp. 156-192. Noutra perspectiva diferente, *Vita Consecrata*, cap. I, também situa a VR no ser trinitário de Deus.

não é construída a partir de si mesmo, mas a partir do outro. Paradoxalmente, a identidade é constituída na relação com o outro. Em outras palavras, somos capazes de construir nossa identidade na medida em que olhamos, interpelamos e interagimos com os outros e outras e nos deixamos por eles e elas olhar, interpelar e provocar.

Como então, a partir deste paradigma trinitário pericorético, resgatar nossa identidade de religiosos leigos na Igreja e na sociedade? Como acabamos de dizer, com certeza não o lograremos se ficarmos olhando-nos a nós mesmos...

É a partir de uma análise de nossas relações com os outros modos de ser – tanto na VR, como na Igreja e na sociedade – buscando perceber como sentimos os outros e as outras – homens, mulheres, indígenas, afrodescendentes, crianças, jovens, adultos, anciões, camponeses e campesinas... – e como eles e elas nos sentem; como seu modo distintivo de ser nos interpela e como nosso ser religioso leigo os e as interpela; como atuamos em relação a eles e elas, e como nos deixamos afetar por suas ações sobre nós, a partir daí poderemos sentir, pensar e atuar nossa identidade de religiosos leigos.

2.1 A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NA VR E NAS RELAÇÕES ECLESIASIAIS

Até pouco tempo, cada Congregação ou Ordem era quase sempre um mundo à parte que não se misturava com as outras

Congregações ou Ordens. Distância que, às vezes, se tornava competição, seja para mostrar-se mais importante que os outros no interior da Igreja ou na sociedade, seja para arregimentar vocações e clientes para as obras educativas, de saúde ou de assistência social.

Mais recentemente, a VR está tentando caminhar *pelos* sendeiros da intercongregacionalidade. Às vezes, nestes tempos de crise e escassez de vocações e recursos, faz-se intercongregacionalidade forçado pela necessidade... porém, pode ser que, como diz o dito popular, “das baixas intenções, vem o melhor resultado”.

Seja qual for a motivação que leva religiosos e religiosas de diferentes congregações a atuar conjuntamente, o fato é que, ao pormo-nos lado a lado, vamos percebendo a riqueza da variedade de carismas e, ao mirar que os outros e outras são diferentes de nós, vamos redescobrindo nossas próprias identidades na volta às fontes e na atualização dos carismas no confronto com as novas realidades dentro da dinâmica da refundação da VR.

O mesmo acontece nas relações eclesiás. É analisando nossos sentimentos, nossas buscas e nossas ações nas relações com os outros componentes do corpo eclesial – clérigos de diversos níveis, leigos e leigas em seus diferentes modos de ser e status eclesial, cristãos e cristãs de outras confissões eclesiás e também crentes de outras religiões e até mesmo pessoas que não têm um referencial religioso – e tentando perceber o modo como eles e elas nos sentem, nos

interpelam e atuam em relação a nós, que vamos construindo nossa identidade de religiosos leigos na Igreja.

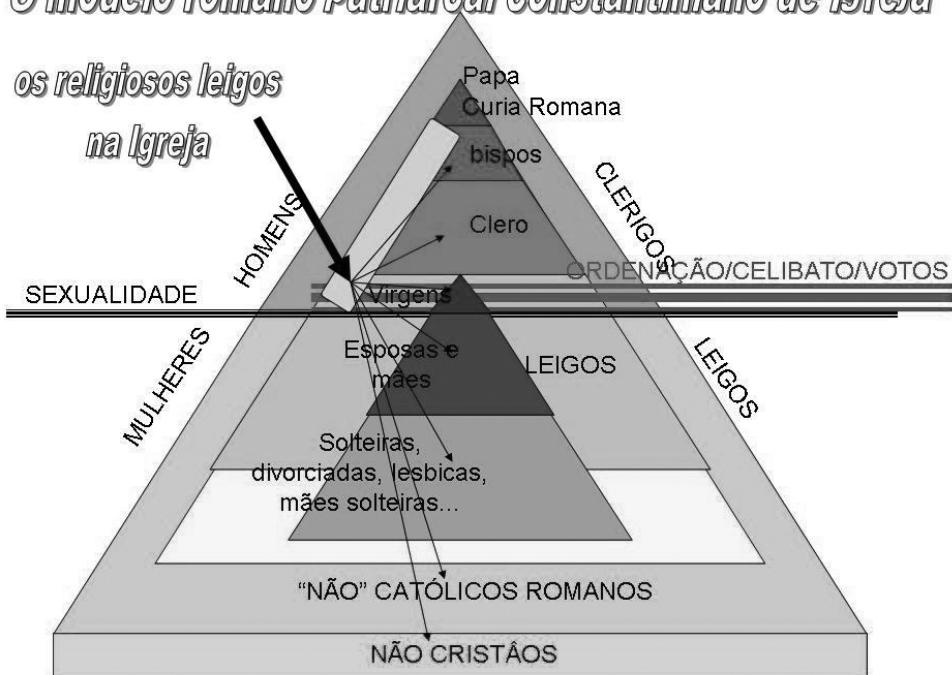
Nesta convivência vamos percebendo a riqueza, mas também o tenso e às vezes doloroso das relações eclesiás. Tensões e sofrimentos que não podem ser simplesmente ignorados ou escondidos, mas *devem ser* assumidos com clareza e consciência cristã para que possam ser superados. É nessas relações que somos formados e vamos reconstruindo nossas identidades. Em meio a tudo isso vamos descobrindo o lugar que nos corresponde na vida real da Igreja e, nela, como são nossas relações com os outros e outras. E, o que é mais importante, vamos refletindo sobre estas relações e sobre como identificá-las cada vez mais com o paradigma trinitário.

E, como vimos anteriormente, a Igreja, enquanto instituição humana, ainda vive relações assimétricas, onde uns “podem” e valem mais e outros “não podem” ou valem menos. As razões para isso são várias e se mesclam no claro-escuro da construção eclesial: históricas, teológicas, culturais, de gênero, sexo, raça, idade... Apesar de ser essa uma situação contrária à vontade divina de uma Igreja-comunidade-de-iguais, sempre há alguma formulação teológica que a sustenta, dado que a teologia é, como toda ciência, uma construção humana condicionada pela situação de quem a produz.

Para nos ajudar a compreender as assimetrias na Igreja e o lugar onde a VR leiga masculina se *localiza*, fazemos uma adaptação do esquema eclesiológico proposto por E. S. Fiorenza².

O modelo romano patriarcal constantiniano de Igreja

os religiosos leigos na Igreja



Neste esquema piramidal que retrata o que a autora chama de Modelo Romano Constantiniano Patriarcal de Igreja, vemos que a VR feminina e os religiosos homens se encontram numa situação muito semelhante. Ambos os grupos estão localizados num território intermediário da Igreja onde se mesclam submissão e dominação. Para usar uma imagem, poderíamos dizer que se encontram numa “terra de ninguém” ou, numa figura teológica, estão “no limbo”.

As religiosas, neste paradigma de Igreja, sofrem uma dupla submissão. Por sua condição feminina, encontram-se

submissas aos homens. Por sua condição leiga, encontram-se em condição inferior na relação aos homens clérigos. Porém, por sua condição de virgens, têm um lugar privilegiado em relação às outras mulheres. Primeiramente, em relação às mulheres esposas e mães e, com muito mais distância, em relação às mulheres não-casadas, mães solteiras, separadas, lésbicas, prostitutas e outras mulheres marginalizadas...

Os religiosos leigos, por sua vez, pela sua condição masculina e pelo celibato, estão numa posição privilegiada em relação a todo tipo de mulher, inclusive as religiosas. Porém, por sua condição de leigos, estão inferiormente situados

² **Los Caminos de la Sabiduría.** Una introducción a la interpretación feminista de la Biblia, Santander, Sal Ter-ræ, 2004, p. 179.

em relação aos clérigos, sejam estes do clero secular ou religioso, e inclusive aos clérigos de suas congregações ou ordens, no caso de religiosos leigos vivendo em congregações mistas.

Como se pode ver no esquema, na Igreja há setores que vivem uma situação de *déficit* de cidadania eclesial. Por um ou outro fator, não podem viver ativa e plenamente sua pertença ao Povo de Deus. Ali estão os leigos, homens ou mulheres e, entre estas, as religiosas, os negros e negras, os povos indígenas, os separados e separadas, casais vivendo em segunda união ou em outras situações irregulares diante do Direito Canônico, as mães solteiras, os e as homossexuais, os e as que pertencem a outras igrejas cristãs, etc.

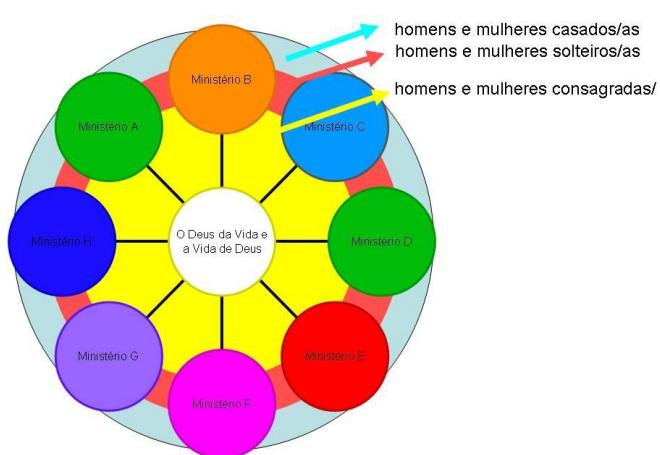
Numa situação de tensão intra-eclesial, quem está num espaço intermediário tem duas opções: colocar-se do lado de cima, *dos que podem*; ou colocar-se do lado debaixo, *dos que não podem*. Concretamente, a tentação de clericali-

zação da VR leiga masculina é grande e real. Afinal, quem não gosta de estar do lado de cima da pirâmide? Aceitar essa solução, no entanto, seria negar a própria identidade...

A alternativa, a nosso modo de ver, é outra. É intensificar as relações com os que estão abaixo. É na relação com estes setores marginais da Igreja que os religiosos leigos podem reconstruir sua identidade de modo que possam ser, nas suas realidades específicas, uma presença profética de um novo modo de ser Igreja. Uma Igreja que já não se pense de modo hierárquico, mas de modo fraterno-sororal, igualitário, onde a diferença de condição e de carisma sirva, não para a negação, mas para a edificação de todo o corpo eclesial e, nele, dos que parecem ser os membros mais débeis e necessitados de cuidado (1Cor 12,23).

Um novo modo de ser Igreja que poderia ser assim representado:

Um modelo comunitário ministerial de Igreja



2.2 A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Há outro espaço onde também se constrói a identidade dos religiosos leigos: são as relações sociais. Com efeito, sempre é bom lembrar que nem a Igreja nem a VR estão fora do mundo. Por bem ou por mal, sempre estamos inseridos numa realidade social, nela somos e com ela interagimos. Mesmo se tentarmos nos afastar da sociedade e romper toda relação com ela, seguiremos sendo, mesmo que simbolicamente, funcionais ou disfuncionais a ela.

Toda realidade social, por mais simples e tranquila que possa parecer, tem sempre um grau de complexidade e de tensão. Em todas as realidades sociais há diversos atores com diferentes identidades e com distintos e até contraditórios interesses. Se assim não fosse, já estariam vivendo o Reino de Deus...

Enquanto religiosos leigos, nossa identidade também se constrói no modo de sentir, interpelar e atuar ante e/ou com os diversos atores sociais, tanto ativa como passivamente.

Historicamente, a VR, tanto em sua primeira configuração na vida monástica, como na segunda, a VR mendicante, e na terceira, a VR missionária que surge com a modernidade, sempre nasceu e construiu sua identidade na aproximação aos grupos eclesiás e sociais marginalizados em seus respectivos momentos históricos .

Com o tempo, no entanto, tanto as

Ordens religiosas do primeiro e segundo ciclo, como as Congregações do terceiro ciclo, estabeleceram relações privilegiadas com os grupos sociais intermédios e superiores da sociedade e, nessas novas relações, reconstruíram suas identidades e se relocalizaram em um novo lugar social, na maioria dos casos distante dos pobres e excluídos da sociedade. A clericalização da VR foi, ao mesmo tempo, causa e consequência inevitável desta deslocação eclesial e social.

Os religiosos leigos, pela sua condição de marginalidade na Igreja, foram, em muitos casos, os que mantiveram laços e relações com os setores sociais e eclesiás que, como eles, eram marginalizados na Igreja e/ou na sociedade.

No período pós-conciliar, dentro da dinâmica da inserção da VR, religiosos e religiosas reataram suas relações com setores populares marginais e, como vimos acima, começaram a reconstruir suas identidades plurais na unidade da VR.

Ao lado das religiosas que foram, sem sombra de dúvida, as pioneiras e as mais radicais nesse processo, os religiosos leigos também tiveram uma presença significativa no mundo da inserção. Sua presença solidária e ativa nas lutas dos camponeses, negros, indígenas, sem-terra, sem-teto, moradores de rua, dependentes químicos, migrantes... fizeram com que fossem vistos com outros olhos – como bons, do lado dos pobres; como maus, do lado dos ricos – e assim se começasse a construir uma outra identidade da VR leiga masculina.

Foi um processo de uma minoria

profética, mas que, cremos, assinala o caminho por onde temos que seguir e aprofundar se queremos reconstruir a identidade da VR e da VR leiga que nos ponha outra vez nos caminhos das origens de um novo modo de ser Igreja em busca de uma Nova Sociedade que seja antecipação do Reino de Deus.

PARA IR TERMINANDO...

Tempos de crise são sempre tempos de oportunidades. A crise da identidade da VR e, o que aqui nos interessa, da VR leiga masculina, é rica em oportunidades para a reconstrução de identidades.

O trabalho teórico, em nosso caso, teológico, é sempre importante neste momento. Temos que, a partir de nossa condição laical, recolocar as grandes questões teológicas. Seja para libertar a teologia (cf. SEGUNDO, 1978) das amarras que lhe foram postas, seja para resgatar velhos paradigmas teológicos que nos permitam viver a originalidade da proposta de Jesus.

Seguindo o acima proposto e pensando-o a partir da rica tradição da VR latinoamericana naquilo que mais a caracteriza, a opção pelos pobres e a luta contra toda forma de pobreza e morte,

vemos que a reconstrução da identidade da VR masculina leiga pode dar-se sobre dois eixos: na aproximação, diálogo e cooperação com os setores marginalizados na Igreja, e na aproximação, diálogo e cooperação com os setores marginalizados na sociedade.

BIBLIOGRAFIA

BOFF, Leonardo. *A Trindade, a sociedade e a Libertaçāo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

DOCUMENTOS DO VATICANO II. *Constituições, decretos e declarações*. Petrópolis, Vozes, 1966.

FIORENZA, E. S. *Los Caminos de la Sabiduría*: una introducción a la interpretación feminista de la Biblia. Santander: Sal Terrae, 2004, p. 179.

NERY, Irmão. Revisitando os três ciclos da história da Vida Consagrada. *Convergência*, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 339, pp. 25-42, jan/fev 2001.

SEGUNDO, Juan Luis. *A Libertaçāo da Teologia*. São Paulo: Loyola, 1978.

Endereço do Autor:
zugno1965@hotmail.com